

Discursos sobre Cidades na Enciclopédia “Tradicional”, na Wikipédia e na Desciclopédia: percursos de sujeitos, saberes e línguas

Ana Cláudia Fernandes Ferreira¹

Introdução

Os modos pelos quais as cidades são significadas na sociedade e na história estão relacionados, entre outras coisas, aos saberes produzidos sobre elas. Não quaisquer saberes. E não de qualquer maneira. Este estudo busca refletir sobre os percursos de saberes sobre as cidades em diferentes enciclopédias, considerando-os em relação aos sujeitos e às línguas.

As reflexões que apresento aqui são o desdobramento de algumas questões formuladas durante uma pesquisa sobre a cidade de Pouso Alegre em duas enciclopédias virtuais: a Wikipédia e a Desciclopédia (também tomada aqui como enciclopédia). Com o objetivo de compreender, nessas enciclopédias, as semelhanças e especificidades das relações entre sujeitos e saberes², pude refletir sobre o funcionamento das *coisas-a-saber* (PÊCHEUX, 1997)³ em relação às cidades em geral, tendo em vista os modos de regulação *do que se pode dizer/saber* sobre elas nessas diferentes enciclopédias.

Nesta reflexão, foi importante observar, de início, que dizer que *algo é saber* é, antes de mais nada, dizer que *algo não é*. Ou seja, dizer que *algo é saber* já é produzir uma divisão. E ainda: *o que se sabe* sobre algo não está diretamente relacionado com esse *algo*, tal como ele *existe* no mundo, mas como ele *significa* no mundo⁴. Desse ponto de vista, esse modo de significação das *coisas-a-saber* é tomado com histórico, como ideológico. Assim, essa divisão é produzida pelo modo como *o que é saber* é

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – Univás. anaclau@ymail.com

² A investigação inicial e a atual foram realizadas no âmbito do projeto Discurso, Ciência e Historicidade, liderado pela Profa. Telma Domingues da Silva e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Univás. O primeiro resultado dessa pesquisa foi apresentado no congresso da Abralin de 2011, com o título “Os sujeitos e os saberes em enciclopédias virtuais”. Uma versão maior e acabada foi aprovada para publicação no número 18, volume 2 da revista *RUA*, com o título “As coisas-a-saber sobre uma cidade na Wikipédia e na Desciclopédia: Pouso Alegre entre edifícios e buracos” (FERREIRA, 2012).

³ Uma reflexão a respeito das *coisas-a-saber* a partir de Pêcheux (1983) pode ser lida em Ferreira (2012).

⁴ A relação entre *o que existe* e *o que significa* foi discutida por E. Guimarães, do ponto de vista da semântica da enunciação, para refletir sobre a referência e a na linguagem. Dessa perspectiva, o autor escreve: “a partir do fato semântico de que as coisas são referidas enquanto significadas e não enquanto simplesmente existentes, podemos considerar que é possível referir porque as coisas são significadas e não simplesmente existentes. Podemos referir algo com a palavra *pedra* porque a linguagem significa o mundo de tal modo que *identifica* os seres em virtude de significá-los. E é isso que torna possível a referência a um ser particular entre os seres assim identificados. É este tipo de questão que queremos discutir ao estudar aqui a *designação*.” (GUIMARÃES, 2002, p. 10).

recortado⁵, significado. O que não se recorta como *algo a saber*, o que não se diz como *algo a saber*, não adquire visibilidade, é como se não existisse.

As escolas, as instituições universitárias, as enciclopédias, as gramáticas e as publicações especializadas, por exemplo, são lugares privilegiados desta divisão política e normativa que institui algo como *um saber* e que produz aí uma divisão. Elas são os espaços onde os saberes são legitimados, ao mesmo tempo em que eles as legitimam⁶.

Os saberes são sempre divididos, re-divididos e hierarquizados em diversos tipos e de diversas maneiras. Na história da constituição destes saberes, a *ciência* teve, no positivismo do século XIX, uma posição de destaque. A ciência significa como o saber mais legítimo entre os demais saberes. Essa divisão sobre os saberes afeta, inescapavelmente, os sujeitos: aquele que faz ciência significa como aquele que sabe mais. Em relação a isso, foi possível compreender, através das análises realizadas, como a questão da legitimidade funciona de modo a dividir os sujeitos – através da tensão entre o especialista e o não-especialista – em relação à produção de conhecimento.

No processo de construção de meu arquivo de leitura da pesquisa sobre a cidade de Pouso Alegre, foi se fazendo necessário que eu buscasse outros artigos a respeito de outras cidades nessas diferentes enciclopédias. No entanto, por conta dos objetivos do trabalho, muitos aspectos que me chamaram a atenção durante a pesquisa não entraram para a reflexão final ou foram apenas comentados rapidamente em nota de rodapé.

Entre os aspectos que chamaram a minha atenção, mas que não foram discutidos, estava a questão das discursividades sobre as línguas do/no Brasil nessas enciclopédias. O estudo dessa questão está relacionado à minha participação no Programa História das Ideias Linguísticas – HIL, que, entre várias outras coisas, se dedica justamente à questão das discursividades sobre as línguas na história e à reflexão sobre os processos de

⁵ O conceito de recorte é compreendido por E. Orlandi (1984) como uma unidade discursiva que o analista produz sobre os seus materiais. Segundo a autora, “não há uma passagem automática entre as unidades (os recortes) e o todo que elas constituem” (p. 14). Os recortes são sempre efetuados a partir de uma determinada posição teórica e das questões que a análise coloca.

⁶ Essa divisão entre *o que é saber* e *o que não é* é pensada considerando que seu funcionamento é, incontornavelmente, atravessado pelo silêncio, em suas diferentes formas, tal como propôs Eni Orlandi, em seu *As formas do silêncio* (Orlandi, 2007). Segundo Orlandi, temos o *silêncio fundador*, que é base de produção de sentidos e a *política do silêncio* ou *silenciamento*, que se subdivide em *silêncio constitutivo*, no qual uma palavra apaga outra necessariamente, e *silêncio local*, ou censura. Naquele trabalho e neste também, a forma mais observada de silêncio é a do silenciamento, mais especificamente a do silêncio constitutivo – sem deixar de considerar, na história da constituição dos saberes no Brasil, os possíveis efeitos de sua relação de tensão com o silêncio local. Assim, pensar os modos de constituição dos saberes sobre as cidades nessas enciclopédias é pensar também sobre o que é posto em silêncio sobre elas.

constituição dos saberes enciclopédicos⁷. Esse estudo também está relacionado ao meu interesse pelos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos Urbanos – Labeurb da Unicamp, em que a cidade é analisada de uma perspectiva discursiva, relacionando o sujeito, a linguagem e a história. Isso sem deixar de lembrar a minha participação em eventos científicos recentes que propuseram discussões que tematizam a relação entre língua, linguagem, conhecimento e tecnologia⁸.

Situando a minha pesquisa, pois, neste tema, coloquei a minha questão inicial: Como essa relação entre os sujeitos e os saberes nessas diferentes enciclopédias se encontrava (ou não se encontrava) com a questão das línguas do Brasil? Com esta questão, meu arquivo de leitura foi sendo reconstruído e produzindo outras reflexões e novas questões sobre a relação entre saberes, sujeitos e línguas no Brasil. Esta investigação se coloca a partir de uma perspectiva materialista da História das Ideias Linguísticas, com base em diversos estudos que vem sendo produzidos sobre o espaço urbano. Dessa perspectiva, essa investigação se faz a partir da mobilização de dispositivos teóricos e analíticos da análise de discurso e de dispositivos analíticos da semântica da enunciação.

As reflexões aqui presentes são realizadas através de uma análise de artigos sobre cidades brasileiras em três enciclopédias diferentes, partindo de duas linhas distintas de observação que, na análise, se entrecruzam: a) uma que contempla alguns aspectos da relação entre os saberes sobre essas cidades e os sujeitos que produzem esses saberes; b) outra que contempla os modos pelos quais línguas e sujeitos significam e são significados em relação às cidades de que fazem parte.

O material de análise é composto de artigos de uma enciclopédia “tradicional”, a Enciclopédia Abril, de 1970, e artigos de duas enciclopédias virtuais, a Wikipédia e a Desciclopédia. Os artigos escolhidos foram os das cidades de São Paulo e Belo Horizonte, mas também fazem parte da análise outros artigos que ajudam a compreender o modo de funcionamento das *coisas-a-saber* sobre as cidades, os sujeitos e as línguas.

⁷ Destaco, por exemplo, Auroux (1992, 1998), Orlandi (2001a), Lagazzi (2002), Guimarães (2004), Mariani (2004), Scotta (2008), Henge (2009) e Nunes (2012), apenas para mencionar alguns dos vários autores que se dedicam a esses estudos. Também destaco aqui a página do Programa HIL: <http://www.unicamp.br/iel/hil>.

⁸ Trata-se da III Jornada Internacional “Linguagem, conhecimento e tecnologia” promovida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Univás, através do Núcleo de Pesquisas em Linguagem – Nupel, prevista para novembro de 2012. Trata-se também do Simpósio de Língua e Tecnologia, proposto sob a coordenação das Profas. Silmara Dela Silva e Fabiele Stokcmans de Nardi para o VI Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – ELFE, sob a organização UFAL e previsto para novembro do mesmo ano. Parte do presente trabalho foi apresentada nesse Simpósio – com título “Os saberes, os sujeitos e as línguas em enciclopédias “tradicionais” e virtuais” – do qual participei com apoio da Fapemig.

O ponto de partida do trabalho é a consideração de que, enquanto as enciclopédias “tradicionais” contam com a contribuição de especialistas, a Wikipédia e a Desciclopédia funcionam de outro modo – mais democrático e menos legitimado – em relação aos saberes, aos sujeitos e às línguas.

Desse modo, o presente trabalho se depara com questões como: Quem é esse sujeito da enciclopédia? Que saber ele faz circular com os artigos que produz? O que pode/deve ser dito em artigos sobre cidades brasileiras? Como um artigo sobre a cidade significa os sujeitos e as línguas em circulação nas cidades brasileiras? Como isso tudo se dá nessas diferentes enciclopédias? Que memória é apagada/silenciada e que memória permanece e se reproduz nessa história de sentidos sobre os sujeitos e as línguas no espaço das enciclopédias no Brasil? Como essa memória vem mudando se consideramos as relações atuais do sujeito com o saber e com as novas tecnologias? Como alguns vestígios do que foi apagado nessa história de sentidos resistem e significam? São essas perguntas que norteiam este trabalho e que busco começar a responder aqui, dentro de uma perspectiva materialista da História das Ideias Linguísticas.

O especialista, o todos e o qualquer um

Na linha de observação que contempla a relação entre os saberes sobre as cidades e os sujeitos que produzem esses saberes nas enciclopédias, é importante destacar um aspecto interessante relacionado à passagem do meio impresso para o meio virtual da internet. Essa passagem não se configurou apenas como uma simples mudança de meio sobre os modos de produção e circulação de conhecimento. Ela também promoveu uma mudança da relação entre esses modos de produção e circulação de conhecimento e os sujeitos que o produzem e o fazem circular.

Diferentemente de enciclopédias “tradicionais” como a Larousse, a Barsa e a Abril, que contam com a contribuição de especialistas, há também, hoje, no meio virtual, outros tipos de enciclopédia, como a Wikipédia e a Desciclopédia. Mais “democráticas” e menos legitimadas, essas duas enciclopédias contam com contribuição de não-especialistas. Elas funcionam, portanto, de outro modo em relação aos sujeitos e os saberes e isso se mostra no próprio modo como cada uma se define: a Wikipédia, como “A enciclopédia livre que **todos** podem editar” e a Desciclopédia, como “A enciclopédia livre de conteúdo e que **qualquer um** pode editar”. Assim, nessa passagem do meio impresso para o virtual, há também uma passagem do *especialista* para o *todos* e para o *qualquer um*, a qual não deixa intactos os modos de produção e circulação de conhecimento.

Na Wikipédia, lugar do *todos*, as *coisas-a-saber* são significadas numa relação tensa entre o que seria próprio da ciência, identificado ao domínio do científico, e o que se apresentaria como senso comum, como não-científico, não-racional, entre as informações verdadeiras e falsas, entre o especialista e o *todos*. No espaço da Desciclopédia, lugar do *qualquer um*, o espaço de significação é o do humor, da paródia, do nonsense, e também de críticas, denúncia, protesto, de disputa por sentidos outros, diferentes dos de uma história dominante, diferente daqueles sentidos que a memória de arquivo (a que as instituições não deixam esquecer, conforme Orlandi (2001b)) faz circular. Ao mesmo tempo, também na Desciclopédia, o espaço das *coisas-a-saber* tem a sua regularização. Não é *qualquer coisa* que se pode dizer, já que ela também reproduz os discursos disponíveis, dentro de condições históricas específicas que circulam e significam a sociedade.

Desse modo, a pergunta para as análises deste trabalho sobre quem é esse sujeito da enciclopédia ganha, a partir dessas reflexões, um desdobramento: de que maneiras, nos artigos da Wikipédia e da Desciclopédia, esses limites entre o que se pode e não se pode saber/dizer sobre uma cidade são (ou não) movimentados pelo *todos* e pelo *qualquer um*?

Essas observações são a base para a reflexão feita nos itens seguintes, a partir da linha de observação que contempla, nos artigos sobre as cidades, os modos pelos quais línguas e sujeitos significam e são significados em relação às cidades de que fazem parte.

***Coisas-a-saber* sobre a cidade em uma Enciclopédia tradicional**

A Enciclopédia Abril, publicada na década de 1970, contém 15 tomos com artigos de assuntos variados, elaborados através da contribuição de especialistas. Quanto aos artigos referentes às cidades brasileiras, eles se restringem às capitais dos estados.

Entre as *coisas-a-saber* sobre uma cidade que constituem o artigo de uma enciclopédia “tradicional” como a Abril, podemos encontrar dados demográficos, geografia, uma breve história da constituição da cidade, eventuais informações a respeito do processo de designação (enquanto povoado, vila, freguesia, cidade), e a respeito de nomes de pessoas ilustres, por exemplo.

Um dos mais extensos artigos sobre as capitais dos estados brasileiros da Enciclopédia Abril é o da cidade de São Paulo⁹. Este artigo contém, além dos “dados” lembrados acima, vários outros, como o clima, a economia, etc. Há, também, alguns itens que dividem o artigo: “A Grande São Paulo”, “Melhoramentos urbanos”, “O

⁹ ENCICLOPÉDIA ABRIL. “São Paulo”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo XI, 1971, p. 152-158.

abastecimento”, “Meios de transporte”, “Serviços urbanos”, “Assistência médico-sanitária”, “Aspectos culturais”, “As áreas verdes”. Isso tudo, no artigo, constitui um conjunto de *coisas-a-saber* sobre esta cidade, São Paulo.

Esse conjunto de *coisas-a-saber* presente na enciclopédia sobre São Paulo não é o conjunto de tudo o que se pode dizer ou saber a respeito dessa cidade, mas apenas aquilo que significa, dentro de condições históricas específicas, como relevante dizer/saber sobre ela. A relevância é sempre constituída historicamente, ela constrói o lugar da evidência dos sentidos. Trazer a questão sobre o que é construído na história do conhecimento como algo relevante e evidente a dizer/saber é considerar que, nesse processo, produzem-se, inevitavelmente, divisões e apagamentos.

Nesse artigo, podemos depreender um pouco do modo como os sujeitos são divididos através das seguintes palavras e fragmentos:

- “jesuítas”
- “pequenos grupos de famílias decepcionadas com o efêmero surto da cana-de-açúcar no litoral, atraídos pelas possibilidades da “serra-acima””
- “A partir do século XVII, o antigo núcleo de catequese transformou-se em centro de irradiação do bandeirantismo (campanhas para apresamento de índios e busca de metais e pedras preciosas)”
- “imigrantes italianos”
- “No início do século XX, a população era constituída por 50% de italianos”,
- “colônia japonesa”
- “colônia árabe”
- “correntes migratórias de outros Estados”

Desse modo, a partir do que lemos no artigo, a cidade de São Paulo teria sido composta por jesuítas, pequenos grupos de famílias vindas do litoral, bandeirantes, imigrantes italianos, japoneses, árabes, e migrantes de outros estados.

Os índios que aparecem no texto são os apresados pelos bandeirantes, não são necessariamente os índios da região, que foram catequizados pelos jesuítas. Isso mostra que o foco da descrição está nos jesuítas e nos bandeirantes e não nos índios. Em outras palavras, os sujeitos da história inicial da cidade de São Paulo são os jesuítas e bandeirantes. O texto produz um efeito de que os índios não fariam parte significativa

dessa história – eles não são considerados/significados como parte dela. E não há nenhuma menção aos negros no artigo sobre São Paulo. Assim como os índios, os negros também não são significados como parte da história sobre a cidade. E na história da cidade do início do século XX, os mais destacados pelo artigo são os italianos.

Nesse artigo, como também em artigos sobre outras cidades da Enciclopédia Abril, pode ser depreendida uma história de contatos entre povos diferentes, mas se trata de uma história em que os agentes são, geralmente, os europeus. Os índios e negros, quando aparecem, aparecem geralmente como coadjuvantes e raramente encontramos alguma informação sobre as diferentes línguas em circulação no Brasil¹⁰.

Ao lado disso, quando olhamos para os modos como a cidade é significada na história que é contada sobre ela em relação aos sujeitos e às línguas, podemos ver funcionando uma divisão dos sujeitos e um apagamento das línguas. Não há informações sobre as línguas que eram faladas e que circularam na cidade em sua história. A questão das línguas não é tomada no artigo como *algo a saber* sobre a cidade.

A esse respeito, é importante trazer algumas informações sobre o artigo ‘Brasil’¹¹ da Enciclopédia Abril. Logo no início do texto, há um sumário com informações diversas sobre localização, limites, superfície, divisão política, população, cidades principais, idioma, portos principais, aeroportos principais, rodovias, ferrovias e unidade monetária. Em ‘Idioma’, há apenas ‘português’.

O um efeito de evidência do português como a única língua do Brasil, produz um apagamento das relações de contato de línguas, apagamento este que funciona também nos outros artigos da enciclopédia sobre as demais cidades brasileiras.

Dentre os artigos sobre as cidades da Enciclopédia Abril que falam dos índios e negros, os mais expressivos são os de Cuiabá, Manaus e Rio de Janeiro. Ainda assim, o funcionamento das relações entre os sujeitos e as línguas nos artigos sobre essas cidades não é muito diferente do funcionamento presente no artigo sobre a cidade de São Paulo.

O artigo sobre Cuiabá¹², por exemplo, que está entre os menores textos sobre cidades da enciclopédia, contém muitos dos itens apresentados no artigo sobre São Paulo. E também produz uma divisão dos sujeitos e um apagamento das línguas. Em relação aos sujeitos, podemos observar essa divisão nos seguintes recortes:

¹⁰ Sobre isso, é importante destacar as análises de E. Orlandi (1981) sobre livros didáticos de história, em que a autora mostra os diferentes efeitos de sentido produzidos por uma história que elide os agentes e por uma história que os explicita. O presente trabalho deve muito às análises e compreensões da autora em seu texto.

¹¹ ENCICLOPÉDIA ABRIL. “Brasil”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo II, 2 ed., 1976, p. 138.

¹² ENCICLOPÉDIA ABRIL. “Cuiabá”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo III, 2 ed., 1976, p. 357.

- “em consequência do bandeirismo”
- “seus primeiros povoadores, provenientes de São Paulo, fixaram-se no córrego, Prainha, afluente do rio Cuiabá”.
- “os bandeirantes (preadores de índios), que fizeram a descoberta, sob a chefia de Pascoal Moreira Cabral e Miguel Sutil” (...) deram o nome de Vila Real de Nossa Senhora da Penha de França”.
- “Logo o nome foi sendo modificado, e o lugar acabou conhecido pela designação de Cuiabá”.

A história da origem da cidade é remetida aos bandeirantes, apresentados como os agentes da história. Os índios são lembrados apenas uma vez no texto, como parte de um enunciado que aparece entre parênteses após a expressão “os bandeirantes”, como modo de definição dos bandeirantes: “preadores de índios”. No entanto, apesar de os índios não aparecerem em outro lugar no artigo, não deixa de ser interessante que a definição de bandeirantes seja feita através dos índios e não de outro modo. Os bandeirantes são significados como “preadores de índios” e não como “indivíduo que no Brasil colonial tomou parte em bandeira ('expedição')” ou então “que ou o que abre caminho; desbravador, precursor, pioneiro”, por exemplo, definições estas que aparecem no dicionário Houaiss¹³. Tão mais interessante é observar que, no artigo sobre São Paulo, o bandeirantismo é definido como “campanhas para apresamento de índios e busca de metais e pedras preciosas.”. Que sentidos podem estar funcionando nos enunciados definidores de bandeirantes e de bandeirantismo? Seriam sentidos que, de algum modo, suspenderiam a evidência dos bandeirantes como heróis, ou, bem ao contrário, estariam imersos nela?

O artigo “informa” que os bandeirantes são aqueles dão o nome à cidade: Vila Real de Nossa Senhora da Penha de França. Ao mesmo tempo, não diz quem deu o nome de Cuiabá, mas apenas que “o nome foi sendo modificado” e que “o lugar acabou conhecido pela designação de”. Há, assim, uma elisão de alguns dos agentes, daqueles que contribuíram para que o nome da cidade passasse a ser Cuiabá: os índios. Nessa história que o artigo conta sobre a cidade, há uma elisão dos índios e das línguas dos índios.

¹³ HOUAISS. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva, 2009.

Já o artigo sobre Manaus¹⁴ dá um espaço maior ao índio como parte da história sobre a cidade. Vejamos os recortes abaixo:

- “Antiga fortificação povoada pelos índios que a construíram, Manaus cresceu com o ciclo da borracha”
- “moradias erguidas sobre palafitas pela população mais pobre”
- “jesuítas espanhóis e indígenas hostis, aliados aos holandeses”
- “colonizadores portugueses”
- “Índios catequizados pelos portugueses e que haviam ajudado na construção do forte – das tribos manaus (de onde veio o nome da cidade), barés, banibas e passés – ficaram morando em volta do forte e assim originou-se a povoação, inicialmente chamada Lugar da Barra.”

O índio aparece como parte da história da cidade pelo povoamento ao redor do forte e pelo nome das tribos manaus. É interessante observar que o texto divide o índio entre ‘índigenas hostis’ e ‘índios catequizados pelos portugueses’, sendo que apenas os ‘catequizados pelos portugueses’ significam como fazendo parte da origem da cidade: foram eles que ‘ajudaram na construção do forte’ e não os ‘índigenas hostis’. Assim, produz-se um efeito de que uma cidade se origina por aqueles que a constroem, sendo que os “inimigos” (no caso, os jesuítas espanhóis, indígenas hostis e holandeses) fazem parte da história da cidade, mas não são significados como parte da construção da cidade, eles são significados como empecilhos para a sua construção.

Se a presença dos índios nas histórias que são contadas sobre as capitais brasileiras é bastante tímida, a presença dos negros é ainda menor. Um dos únicos artigos de cidades brasileiras da Enciclopédia em que eles são mencionados é o da cidade do Rio de Janeiro¹⁵, no seguinte recorte:

“A cidade, cuja população inicial era composta de índios, portugueses, mamelucos e, depois, negros, começou...”

Em relação às línguas dessa população inicial e do português, nada se diz. Sobre isso, vale notar que o artigo, quando fala sobre as escolas em 1753, menciona outras línguas:

¹⁴ ENCICLOPÉDIA ABRIL. “Manaus”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo VII, 2. Ed., 1976, p. 386.

¹⁵ ENCICLOPÉDIA ABRIL. “Rio de Janeiro”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo XI, 1 ed, 1971, p. 5-6.

“Havia algumas escolas de **grego, latim**, filosofia, retórica e duas modestas academias literárias.”

A história da cidade é contada em relação a uma população diversa, mas as línguas das quais se fala não são as línguas faladas por essa população e sim duas línguas de cultura europeias: latim e grego. Vemos aí uma impossibilidade de contar a história das relações entre os sujeitos e as línguas que é afetada pelo efeito do português como *língua única* que apaga o lugar das línguas indígenas – lembrando que, naquele momento, a língua mais falada no Brasil era a língua geral¹⁶.

Também vale deixar registrado que no artigo da Enciclopédia Abril sobre Belo Horizonte – cidade que também é objeto de análise nas enciclopédias virtuais – os sujeitos pouco aparecem e nada é falado sobre as línguas. Ao contar como a cidade foi criada, o texto menciona, como agentes, apenas os “inconfidentes” e mais adiante menciona a constituição estadual. O artigo trata mais da localização – “na borda do território estadual efetivamente habitado, quase no limite do sertão (esparsamente ocupado por fazendas de criação de gado)” – e da “zona de mineração”, por exemplo, com uma descrição que não explicita quem habitava o território, quem ocupava as fazendas e criava gado, e quem eram os mineradores.

Nessas análises sobre alguns artigos de cidades brasileiras da Enciclopédia Abril, podemos ver que o que se constrói como *algo a saber* sobre uma cidade não toma como relevante a história de seus agentes, nem as relações de contato entre os sujeitos, com suas línguas. O que se constrói como *algo a saber* sobre uma cidade são outros “dados”: demografia, porcentagens, informações sobre geografia, economia, estradas, indústrias, etc.

Nessas histórias sobre as cidades nos artigos da Enciclopédia Abril, o português não é lembrado pelo efeito de evidência de *língua única* do Brasil. De outro lado, as línguas indígenas e africanas não são lembradas porque não têm lugar de significação: é como se não existissem, como se nunca tivessem existido. E outras línguas, como as línguas de imigração, de “invasores”, e de fronteira também não aparecem. Elas também significam como se nunca tivessem existido.

¹⁶ Sobre isso, ver, por exemplo: Bethania Mariani. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes Editores, 2004. Ver também o site da Enciclopédia das Línguas do Brasil – ELB, mais precisamente o texto “Aspectos históricos” do item *História do Português no Brasil*. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/noticias/lerArtigo.lab?categoria=17&id=112>.

Uma das questões colocadas para esse trabalho foi procurar compreender que memória permanece e o que se modifica nessa história dos sentidos sobre os sujeitos e os sentidos na Wikipédia e na Desciclopédia. Na busca de respostas para essa questão, apresentarei, nos itens a seguir, algumas análises sobre os artigos das cidades de São Paulo e Belo Horizonte dessas enciclopédias virtuais.

Coisas-a-saber sobre a cidade na Wikipédia

Primeiramente, vale destacar uma diferença importante entre uma enciclopédia impressa, como a Abril, e as enciclopédias virtuais, como a Wikipédia e a Desciclopédia. O meio digital dessas últimas não depende de um número limitado de páginas, o que as permite ultrapassar determinados critérios de prioridade para a publicação de artigos. Enquanto a Enciclopédia Abril se restringe ao critério das capitais, as enciclopédias virtuais o ultrapassam.

Outra diferença a remarcar é que, na Enciclopédia Abril era possível visualizar um sumário dos itens de *coisas-a-saber* no artigo sobre o Brasil; mas esse sumário faltava nos artigos sobre as cidades. Já na Wikipédia e na Desciclopédia esses sumários estão presentes em todos nos artigos sobre as cidades analisadas.

A relação de *coisas-a-saber* presente nos itens dos sumários sobre as cidades da Wikipédia inclui muitas das *coisas-a-saber* que já circulavam na Enciclopédia Abril e, certamente, em outras enciclopédias impressas do século passado e atuais. A diferença mais evidente, de início, entre as enciclopédias “tradicional” e as virtuais, é a quantidade de informação disponibilizada, que é significativamente maior nas virtuais.

Outro aspecto importante é que a Wikipédia se atualiza e reatualiza muito rapidamente pelos usuários que colaboram com sua edição. Isso poderia levar a pensar que não haveria limite de informação nas enciclopédias virtuais. Mas sabemos que esse limite sobre *o que se pode/deve saber* existe, uma vez que ele está determinado por condições históricas específicas e não apenas pela amplitude do espaço virtual. Tendo isso em vista, a questão em relação aos limites do que se pode/deve saber e dizer nesses diferentes espaços enciclopédicos, é: o que, no processo histórico da relação entre os sujeitos e saberes fica dentro dos limites já existentes e o que os ultrapassa?

Ao lado disso tudo, como já foi salientado anteriormente, a Wikipédia se define como “a enciclopédia livre que todos podem editar”, deslocando o espaço de produção e circulação do conhecimento do *especialista* – da enciclopédia “tradicional” – para o

todos. No artigo da Wikipédia sobre a cidade de São Paulo¹⁷ vemos que, com esse deslocamento, pelo menos aparentemente, os limites entre o que se pode/deve saber e dizer se estenderam.

Nesse artigo, podemos vislumbrar mais informações sobre os sujeitos e as línguas, como no item “Imigrantes e migrantes”, do qual trago os recortes abaixo:

“São Paulo é a cidade mais multicultural do Brasil e uma das mais diversas do mundo. Desde 1870, aproximadamente 2,3 milhões de imigrantes chegaram ao estado, vindos de todas as partes do mundo. Atualmente, é a cidade com as maiores populações de origens étnicas italiana, portuguesa, japonesa, espanhola e libanesa árabe fora de seus países respectivos, (...) e com o maior contingente de nordestinos fora do Nordeste.”

“No início do século XX, o italiano e seus dialetos eram tão falados quanto o português na cidade, o que influenciou na formação do dialeto paulistano da atualidade.”

“A maior concentração de orientais da cidade está no distrito da Liberdade. Este distrito de São Paulo possui inúmeros restaurantes japoneses, lojas com peças típicas do Japão, e nele veem-se letreiros escritos em japonês e ouve-se muito o idioma.”

Embora o texto fale de diversidade e de multiculturalismo, essa diversidade e esse multiculturalismo teriam começado no ano de 1870, sendo reduzidos aos imigrantes e, mais especificamente, aos imigrantes europeus e japoneses, além dos migrantes. Se, por um lado, a cultura se reduz à Europa e ao Japão, por outro, a língua se reduz ao português, italiano, dialetos do italiano e dialeto paulistano. O japonês também é lembrado, mas como língua que se ouve. Vemos, assim, que o texto se apropria de alguns discursos científicos disponíveis atualmente, notadamente da sociolinguística, mas o foco principal das relações entre sujeito e línguas continua sendo a Europa.

¹⁷ WIKIPÉDIA. “São Paulo”. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_\(cidade\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_(cidade)).

Em relação à cidade de Belo Horizonte¹⁸, o artigo da Wikipédia também apresenta algumas informações sobre as relações entre os sujeitos e as línguas. O sub-item “Fundação da Capital”, pertencente ao item “História” inicia do seguinte modo:

“Antes da chegada dos colonizadores portugueses, no século XVI, toda a região do atual estado de Minas Gerais era ocupada por povos indígenas do tronco linguístico macro-jê [15].”

A nota [15] do texto remete à página do Cedefes, uma ONG de Belo Horizonte que tem como objetivo geral “promover a informação e formação cultural e pedagógica, documentar, arquivar, pesquisar e publicar temas do interesse do povo e dos movimentos sociais”¹⁹. A história de Belo Horizonte, nesse artigo, traz para a cena a região do atual estado de Minas Gerais no século XVI com os índios, que são especificados por um tronco linguístico, o macro-jê. Ou seja, nesse modo de contar a história da cidade, estão postas outras relações entre os sujeitos e, no caso dos índios, e ela é associada à língua. No entanto, essa relação entre os sujeitos e as línguas aparece apenas nesse item do artigo e essa língua indígena significa apenas como um passado, não estando relacionada com o português e com outras línguas.

Nas partes seguintes desse item, o artigo continua contando a história desse e de outros acontecimentos que deram origem à cidade de maneira mais detalhada que a enciclopédia Abril. São citados mais personagens: índios, bandeirantes, padres, governadores, escravos. Mas, como nas histórias tradicionais, os nomes dos agentes são os nomes dos conquistadores. Os índios e escravos não têm nome.

O parágrafo que segue o anteriormente citado pode ilustrar essas observações:

“Na imensa faixa de terras ao largo do Rio das Velhas assenhoradas pelo bandeirante Paulista Bartolomeu Bueno da Silva (mais tarde Anhanguera II), veio seu primo e futuro genro, João Leite da Silva Ortiz, à procura de ouro. Ele ocupou, em 1701, a Serra dos Congonhas (mais tarde Serra do Curral) e suas encostas, onde estabeleceu a Fazenda do Cercado, base do núcleo do Curral del Rei. No local, desenvolveu uma pequena plantação e criou gado, **com numerosa escravatura**. [16]”

¹⁸ WIKIPÉDIA. “Belo Horizonte”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte.

¹⁹ CEDEFES. “Apresentação”. Disponível em: http://www.cedefes.org.br/index.php?p=inst_apresentacao.

O artigo possui ainda outro item interessante, nomeado de “Etnias e imigração”, do qual trago os seguintes recortes:

“Belo Horizonte é uma **cidade multirracial, fruto de intensa migração**. O seu povoamento foi efetuado de forma gradual principalmente por migrantes atraídos do interior mineiro, além de outras regiões de outros estados e imigrantes oriundos de várias partes da Europa. (...) **Vieram** brancos, negros e mestiços de diversas origens, **o que contribuiu para o equilíbrio entre o número de pessoas** brancas, pardas e pretas. Segundo o censo de 2000 do IBGE, em pesquisa de autodeclaração, a população de Belo Horizonte é composta por brancos (53,57%), pardos (37,24%), pretos (8,04%), indígenas (0,34%) e amarelos (0,19%)”

“A população de Belo Horizonte é, portanto, bastante miscigenada, havendo um predomínio de ancestralidade europeia (66%), principalmente de antigos colonos portugueses do século XVIII e em menor medida de imigrantes italianos do final do século XIX. Em seguida vem a **contribuição africana** (33%), sobretudo do século XVIII quando Minas Gerais tinha a maior população escrava de todo o Brasil. Por último uma mínima **contribuição indígena** (2%), como dos Maxakalí, Krenak, Aranã e Xacriabá, que na região viviam durante o período colonial **e foram exterminados**, deixando poucos traços para a população de Belo Horizonte.”

Nesse item, são apresentados dados estatísticos que atestariam, por eles mesmos, um efeito de realidade dos fatos e de neutralidade descritiva. Esse efeito legitima as informações obtidas a partir do censo e sustenta a “veracidade” das porcentagens. É como se cada habitante soubesse, de fato, qual seria a sua origem. E, ainda, é como se a origem fosse uma só, ou então, a origem que mais se enquadraria nas categorias do censo. A multirracialidade se restringe à divisão pré-estabelecida entre ‘brancos’, ‘pardos’, ‘pretos’, ‘indígenas’ e ‘amarelos’ do censo, o que exclui a possibilidade de informar mais de uma origem ou uma origem diferente das estabelecidas pelas categorias disponíveis.

As categorias do censo foram estudadas por Borges (2004), que mostra como a divisão pela categoria ‘cor ou raça’ produz uma sobreposição e uma indistinção entre os nomes ‘cor’ e ‘raça’. O trabalho da autora também permite compreender como essa divisão produz uma particularização que recorta como seria a população. Ao mesmo tempo, a determinação produzida pelo enunciado “escolha uma entre as alternativas apresentadas” para as opções ‘branca’, ‘parda’, ‘preta’, ‘indígena’ e ‘amarela’ também produz uma limitação para respostas e um recorte sobre como seria a população.

A partir disso, podemos perguntar: em que categoria se enquadraria um descendente de ‘amarelos’ e ‘pretos’? Ou de outras origens, como árabes, indianos e judeus? Um descendente de ‘amarelos’ e ‘pretos’ seria ‘pardos’ ou não teria lugar na classificação?

Em meio às palavras e números do censo, nos deparamos com outras palavras e expressões como “imigração”, “migração”, “vieram”, “contribuição” de um lado, e expressões como “intensa escravatura” e “foram exterminados”, de outro. O texto não deixa de dizer que houve escravatura de negros e que houve extermínio de índios. De outro lado, tanto a imigração como a migração são significadas como *contribuição*. Assim, a descrição “não esquece” que a história do Brasil foi feita de escravatura e de extermínio. Mas, ao mesmo tempo, também “não esquece” de usar um termo “mais adequado” para uma descrição “neutra” sobre os movimentos populacionais: *contribuição*. Esses dois “não esquecimentos” não poderiam produzir um efeito de neutralidade descritiva mais eficaz. Eles não deixam dúvidas sobre “o fato” da multiracialidade ser, “de fato”, aquele que é descrito pelos números do censo.

O texto *não pode esquecer de dizer* sobre a escravatura de negros e o extermínio de índios, mas também *não pode esquecer de dizer* a partir do lugar científico do censo. Ao não poder esquecer de dizer do lugar do censo, o texto esquece de dizer sobre os problemas de se categorizar a população do modo como essa categorização é feita, bem como sobre os problemas de uma pesquisa de autodeclaração. Dessa maneira, o artigo da Wikipédia sobre Belo Horizonte acaba por apagar a possibilidade uma descrição mais próxima daquela de uma diversidade real, com toda a sua história de misturas e de conflitos entre os sujeitos e as línguas.

Coisas-a-saber sobre a cidade na Desciclopédia

Como também já foi salientado anteriormente, a Desciclopédia, de forma a satirizar a Wikipédia, se define como “a enciclopédia livre de conteúdo e que **qualquer**

um pode editar”. Diferente da Enciclopédia Abril e na Wikipédia, que buscam se sustentar pelo científico, na Desciclopédia o espaço de significação é o do humor, da paródia, do nonsense, e, bastante frequentemente, dos mais variados preconceitos que existem em nossas sociedades²⁰.

No artigo da Desciclopédia sobre São Paulo²¹, as relações entre os sujeitos e as línguas passam por outros discursos. Elas funcionam a partir de alguns discursos científicos disponíveis e os re-significam de outros modos. Uma parte desse artigo que interessa tratar aqui é o item “Surgimento do povo paulistano”. Vejamos:

“os bandeirantes, os quais diziam e os paulistanos acreditavam que iam desbravando heroicamente o interior fazendo crescer o "glorioso" Estado de São Paulo e bla bla bla (...), na verdade iam é promovendo o escambo com indígenas inocentes atrás unicamente de ouro e sexo, estuprando ou matando os pobre índios duros.”

Aqui, o que vemos não é propriamente humor, paródia ou nonsense, mas uma forma de deboche, denúncia, de protesto e disputa por outros sentidos para a história da cidade. Nesse trecho, há uma crítica a uma história do Brasil que circulou – e ainda circula fortemente – na qual os bandeirantes são, geralmente, significados como heróis, ao passo que os índios são, muitas vezes, apagados da história.

No entanto, o artigo, ao mesmo tempo em que procura denunciar essa história mais “tradicional” e explicitar os agentes da história, também produz algumas divisões e contradições. Em algumas passagens da história da cidade, o texto trata da miscigenação, da mistura que deu origem ao paulistano, com destaque para os nordestinos e os italianos. Em outras passagens, o paulistano é situado de um lado e os índios, bandeirantes, escravos, europeus, nordestinos são situados de outro.

No sumário sobre a cidade, encontramos, por exemplo, o item “Idioma”. Vale lembrar aqui que um item como este também aparece na Enciclopédia Abril, porém,

²⁰ É importante salientar que as enciclopédias tradicionais não estão, de modo algum, livres de preconceitos. No entanto, há uma diferença no modo como os preconceitos funcionam nessas diferentes enciclopédias. Uma enciclopédia tradicional, que fala do lugar da ciência, produz, nas descrições que faz, um efeito de neutralidade, naturalizando interpretações historicamente construídas. Sob esse efeito, a descrição científica pode funcionar como um forte instrumento de sustentação e reprodução de preconceitos.

²¹ DESCICLOPÉDIA. “São Paulo”. Disponível em: [http://desciclopedia.ws/wiki/S%C3%A3o_Paulo_\(cidade\)](http://desciclopedia.ws/wiki/S%C3%A3o_Paulo_(cidade)).

apenas em relação ao Brasil. Vejamos então o que a Desciclopédia diz neste item sobre São Paulo:

“Idioma: Paulistês e mais de 200 outros idiomas que chegaram com os imigrantes.”

O que, na sociolinguística, poderia ser definido como dialeto paulistano é ressignificado no texto da Desciclopédia como idioma: paulistês. Esse idioma é lembrado ao lado de outros 200, os quais teriam vindo com os imigrantes. Embora o número seja evidentemente exagerado – no site do arquivo público do Estado de São Paulo²² encontramos referência a vinte e oito nacionalidades diferentes de imigrantes em todo o estado – não deixa de ser interessante o fato de que a Desciclopédia estabelece, pelo menos nesta e em algumas outras partes do texto, uma associação entre os sujeitos e as línguas.

No item “Educação”, o paulistês aparece como ‘língua paulistana’. Vejamos:

“Língua paulistana: aprendem desde cedo nas escolas o dialeto local do estado, diferenciando-se nas escolas da capital e do interior.”

Aqui, a língua paulistana é significada como dialeto local e como dialeto diferente do interior, o que mostra uma forma de distinção entre paulistês, da capital, e o dialeto do interior, que seria o caipira. Sobre isso é interessante notar que a Desciclopédia possui um hiperlink na palavra ‘paulistês’ que a direciona para o artigo “Paulistanês”²³. Nesse artigo, o “paulistês” é significado como originário do “caipirês”, ao mesmo tempo em que o “caipirês” é também significado como uma variedade do paulistês.

O artigo “Paulistanês” também possui uma “Classificação genética” da origem da língua: Latim > proto-italico > português galáctico > português > brasileiro > paulistanês. Se, como origem dessa língua é apresentado o Latim, ela não termina no português, pois passa ainda pelo brasileiro.

Por outro lado, no item “História” do artigo “Paulistanês”, o texto lembra os portugueses, índios, italianos, turcos, japoneses, ingleses, coreanos e árabes. Nessa relação

²² ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Imigração”. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao>.

²³ DESCICLOPÉDIA. “Paulistanês”. Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Paulist%C3%AAs>.

de proveniências, há destaque para os italianos: “os italiano pricipalmentz”. E, ao elencar essa relação, o texto conclui: “Ninguém sabe quem é o pai do paulistanês agora, meu”.

De modo mais ou menos semelhante, o artigo da Desciclopédia sobre Belo Horizonte²⁴ também fala sobre a cidade, relacionando-a, em algumas partes, aos sujeitos e às línguas. Em algumas partes, mas não no item que conta a história da cidade. Vejamos:

“Mil quinhentos e lá vai fumaça: o rei de Portugal, Dom Joaquim da Padaria, vai visitar pessoalmente as minas de ouro e diamantes que ficavam originalmente no vulcão de Pósdicarda. No caminho, o rei ordena que a tropa pare para descansar ao pé de um morrão e deixa os animais beberem água. O rei apreciou o pasto local, mandou construir ali um curral para suas vacas e nunca mais saiu do encostado (português de raiz baiana). O lugar ficou conhecido como Curral d'El Rey, e a serra próxima ganhou o nome de serra do Curral. Consta que os belzoitenses mantêm secretamente a lenda d'O Retorno do Rei: o monarca Quinzim voltará para recuperar o "Um Anel" de Queijo, e libertar a cidade da tirania nutricionista.”

Podemos observar, nessa história, uma paródia da história tradicional. Não há protesto ou denúncia, como notamos no artigo sobre São Paulo. A história contada aqui, mesmo em forma de paródia, ainda é a história dos colonizadores. O nome do colonizador, do rei, é lembrado, mesmo que o nome atribuído a ele seja Dom Joaquim da Padaria e definido como ‘português de raiz baiana’. O foco da história é o rei, ao passo que os índios e negros, por exemplo, não aparecem nela. Além disso, outro aspecto interessante é que, em outras partes do artigo, aparecem nomes de pessoas ilustres da cidade e distinções entre frequentadores de diferentes shoppings, por exemplo.

Direcionando o olhar para a relação entre os sujeitos e as línguas no artigo sobre Belo Horizonte, ela tem um funcionamento bastante interessante. Para melhor refletir sobre como essa relação se coloca, é importante, primeiramente, falar sobre um espaço característico da Desciclopédia, que costuma aparecer logo no início dos artigos, um espaço caracterizador que os classifica à maneira de um selo, de uma marca identificadora. Esse espaço caracterizador costuma apresentar diferentes temas para diferentes artigos, sendo que um mesmo tema pode estar presente em diversos artigos.

²⁴ DESCICLOPÉDIA. “Belo Horizonte”. Disponível em: http://desciclopedia.org/wiki/Belo_Horizonte

Esse espaço pode ser formado de textos e imagens e geralmente incluem um enunciado que identifica o artigo: “Esse artigo fala sobre...”, “Esse artigo é...” “Este é um artigo que...”.

O artigo sobre Belo Horizonte possui dois destes espaços caracterizadores, conforme podemos observar na imagem a seguir:

The screenshot shows the article page for 'Belo Horizonte' on the Desciclopédia website. At the top, there is a star icon and the text: 'Este artigo pertence à Lista dos Melhores Artigos da Desciclopédia.' Below this, a red banner contains the text: 'Uai, sô! Esti artigu foi inscrito pur um Mineirim... I si ele ainda num tá compreto é purquê o disgramado deve di tá cumendo um Pão di Queijo ou a Tua Mãe, purque "Mineiro come quieto!"!!!' with an image of bread and a logo that says 'CAUSEIS QUE BEBA TAMEN'. Below the red banner, a green banner contains the text: 'Esse tar di arrrtigo é caipira, sô!! Esse tar di artigu parece caipira, foi escritu por arguem caipira, ou ele é de fato CAIPIRA!!!. Num estraga eli naum, si naum nós crava a enxada em cima du cê!' with images of a chicken and people on horseback. On the left side, there are several links and suggestions: 'Você quis dizer: Berílio Horizonte?', 'Google sobre Belo Horizonte', 'Experimente também: Roça Grande', 'Sugestão do Google para Belo Horizonte', 'As melhores praias onde já surfei!', 'Felipe Dylan sobre Belo Horizonte', 'Nó, véi, doidimais di i pa praia im Piúma, fraga?', 'Típico morador fudido de BH, explicando onde se enfia no verão', and 'Why? Exterminador do futuro sobre Belo Horizonte'. On the right side, there is a box with a globe icon and the text: 'Para os fanáticos religiosos entre nós que escolhem acreditar em mentiras, os supostos experts da Wikipédia têm um artigo sobre: Belo Horizonte.' At the bottom right, there is a red prohibition sign over a black and white image.

DESCICLOPÉDIA. “Belo Horizonte”. Disponível em:

http://desciclopedia.org/wiki/Belo_Horizonte.

Os dois “caracterizadores” possuem textos que identificam o artigo, e que são escritos de maneira a “transcrever”²⁵ o dialeto caipira. O significado de caipira construído por estes “caracterizadores”, agrega uma característica linguística a características relativas ao ambiente rural, presentes, por exemplo, nas duas imagens do

²⁵ Interessante notar que há uma mistura de “transcrição” do dialeto caipira e algumas marcas – “naum”, por exemplo – que encontramos hoje correntemente no espaço da internet nas salas de bate-papo.

“selo” que contêm a chamada “Esse tar di arrrtigo é caipira, sô!!!”: a de um galo e a de duas pessoas numa carroça puxada a burro em uma rua de terra. Está funcionando aí uma sobreposição entre o sujeito, que seria o caipira, a língua, que seria o dialeto caipira e o espaço rural, que seria o lugar do caipira (do sujeito caipira e da língua caipira), numa relação de contradição com o urbano, uma vez que o artigo é sobre uma capital. Belo Horizonte também é significada através dessa contradição urbano/rural em outros pontos do texto como, por exemplo, na paródia de uma sugestão do Google: ““Experimente também: Roça Grande” Sugestão do Google para Belo Horizonte”, que podemos visualizar na mesma imagem.

Ao lado disso, neste artigo sobre Belo Horizonte também há um item chamado “Língua”. Vejamos o que diz o início deste item:

“Em Belo Horizonte, fala-se um dialeto incompreensível para qualquer pessoa alfabetizada em português. Só existem duas vogais - I e U - e todas as demais devem ser substituídas por alguma sonoridade vagamente semelhante a ð. É proibido dizer todas as sílabas de uma palavra, e o plural é considerado falta de educação. Todas as frases devem terminar com "sô", "uai" ou, caso seja aplicável, com "dimais, sô" (veja minerês).”

Podemos ver, nesse recorte, que o texto se apropria do discurso científico da linguística e o transporta para a paródia. Ao lado disso, vemos que há uma dissociação entre o dialeto da cidade, nomeado de minerês, e o português.

No artigo sobre o mineirês, em hiperlink direcionado pelo artigo de Belo Horizonte, também há uma “Classificação genética” da origem dessa língua/dialeto: Latim > proto-italico > português galático > português > brasileiro > mineirês. Assim como no paulistanês, no mineirês a origem é o latim, mas o final não é o português e sim o brasileiro.

De outro lado, no item “Origem” do artigo, são lembrados ‘o português’, ‘o carioca’, ‘os paulistas’, ‘o baiano’, ‘inúmeros dialetos africanos’ e ‘a língua inglesa’, como origens das quais o mineirês foi se distanciando. Com isso, segundo o texto, “o mineiro inventou um jeito próprio de falar”.

Algumas considerações

Para finalizar, mas sem a pretensão de apresentar reflexões conclusivas, traçarei algumas considerações a partir do entrecruzamento das duas linhas de observação propostas neste trabalho: a que contempla aspectos da relação entre os saberes sobre as cidades e os sujeitos que produzem esses saberes, e a que contempla os modos pelos quais línguas e sujeitos significam e são significados em relação às cidades de que fazem parte.

Em relação ao modo como os sujeitos são significados nessas diferentes enciclopédias, não parece haver muitas diferenças entre os artigos.

Na Enciclopédia Abril, os agentes da história são geralmente os europeus, com destaque para os jesuítas, bandeirantes, portugueses e, no caso de São Paulo, também de italianos. Os índios e negros quase não aparecem. Quando aparecem, não são significados, geralmente, como parte significativa da história da cidade. Uma exceção, talvez, seja o artigo sobre Manaus, em que alguns índios (os ‘catequizados pelos portugueses’ e não os ‘indígenas hostis’) fazem parte da história da origem da cidade.

Na Wikipédia, o modo como se diz/sabe sobre os sujeitos dessas cidades é afetado pelo discurso da diversidade e do multiculturalismo, mas esse discurso não muda muito o modo se contar a história das cidades em relação aos sujeitos que dela fizeram/fazem parte. Os agentes da história continuam sendo os europeus.

Vale destacar, no entanto, a referência aos índios feita pelo artigo sobre Belo Horizonte, quando ele fala da história da região do estado de Minas Gerais antes da chegada dos colonizadores. Mas ainda é uma história da qual os indígenas são apenas um antes, uma pré-história. Eles não são significados como parte significativa da história da cidade.

Apesar de não serem contados na história de Belo Horizonte, os índios e negros vão comparecer nas estatísticas do censo em “Etnias e imigração”. Nesse item, como vimos, podemos saber um pouco mais sobre suas histórias: de escravatura e de extermínio. Mas elas funcionam como parte do argumento construído pelos resultados estatísticos do censo, tomados como autoevidentes. Resultados que produzem um efeito de veracidade e apagam a possibilidade de considerar mais de uma origem ou uma origem diferente das categorias estabelecidas pelo censo. Os “resultados” são uma maioria de ‘brancos’ e ‘pardos’ e minoria de ‘pretos’, ‘indígenas’ e ‘amarelos’, “o que contribuiu para o equilíbrio entre o número de pessoas brancas, pardas e pretas”. Esta é a cidade multirracial apresentada pelo texto. Podemos dizer que se trata de um multiculturalismo domesticado.

Na Desciclopédia, no artigo sobre São Paulo, a história do “surgimento do povo paulistano” é contada sob a forma de deboche, de denúncia e crítica a uma história tradicional. O texto nega sentido de herói para os bandeirantes, que são significados como

responsáveis pela violência e morte dos índios. Por outro lado, o texto não avança na crítica, não sendo muito diferente no modo de lembrar e esquecer os sujeitos que fizeram parte da história da cidade. Os mais lembrados são os imigrantes italianos. E na história de Belo Horizonte, os sujeitos lembrados são os colonizadores, ainda que sob a forma de paródia.

Dessa maneira, apesar das especificidades de cada enciclopédia, em todas elas está funcionando um modo de contar a história dos sujeitos da cidade em que os agentes são predominantemente os colonizadores. Aí está a eficácia de uma memória institucionalizada sobre a história do Brasil que atravessa os diversos meios de produção e circulação de conhecimento, perpassando o texto do *especialista*, do *todos* e do *qualquer um*.

Um aspecto importante a destacar a esse respeito é que o especialista, com toda a autoridade e legitimidade que possui para escrever um artigo de uma enciclopédia, não é, necessariamente, um historiador. Ao lado disso, um artigo de uma enciclopédia também não é um livro de história. E sabemos que há diversos modos de se fazer história, bem mais críticos do que os de uma história tradicional. No entanto, o que podemos observar nas análises desses artigos é uma forte presença dessa história tradicional.

Outra questão importante a salientar sobre o modo de contar a história das cidades em relação aos sujeitos é que, a meu ver, não se trata de pensar que “a história verdadeira” deveria ser “resgatada” – como “resgatar” a história de povos que tiveram/têm outra relação com a linguagem, relação que não passa, necessariamente pela escrita? –, mas sim de pensar que outras histórias podem ser contadas, e de modo menos inocente.

Em relação ao modo como as línguas são significadas em relação aos sujeitos nessas diferentes enciclopédias, parece haver diferenças mais significativas.

Tanto no artigo sobre São Paulo como no artigo sobre Belo Horizonte da Desciclopédia, *é possível dizer* que o paulistês e o mineirês são dialetos e são também línguas. Nos textos da Enciclopédia Abril e da Wikipédia, isso *não é possível dizer*.

A esse respeito, é interessante apontar para algumas semelhanças e diferenças entre os sumários do artigo sobre o Brasil na Enciclopédia Abril, na Wikipédia e na Desciclopédia. O sumário sobre o Brasil da Enciclopédia Abril apresenta, como vimos anteriormente, o item ‘língua’ e informa que a língua é o português. Já a Wikipédia apresenta o item chamado de ‘língua oficial’, em que também se informa que a língua é o ‘português’. Mas há na Wikipédia, além disso, também uma nota indicando e legitimando essa “informação” através da remissão ao artigo 13 da constituição federal e da remissão à lei que reconhece a língua brasileira de sinais como língua oficial. Na mesma nota do artigo do Brasil na Wikipédia, também são mencionadas outras línguas reconhecidas

regionalmente: tucano, nheengatu e baniua, de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, e alemão como língua “cooficial secundária” em Pomerode, Santa Catarina. Há um discurso oficial que funciona ao lado do discurso científico, e que é fundamental no processo de legitimação das línguas faladas no Brasil. A Wikipédia funciona nesse espaço do científico associado ao oficial.

O reconhecimento e a regulação dessas línguas é bastante recente na história brasileira e está relacionado às condições históricas atuais em que a ciência e as políticas do Estado buscam incorporar/regular as demandas do multiculturalismo e do multilinguismo. Ou seja, o modo de relacionar os sujeitos e as línguas na atual conjuntura histórica não é o mesmo da década de 1970, quando a Enciclopédia Abril foi publicada.

Já no artigo sobre o Brasil na Desciclopédia, há uma apropriação e re-significação do científico pela paródia e nenhum compromisso com o oficial (que também pode ser parodiado). O sumário apresenta como ‘língua’, a ‘Língua Portuguêsia’. Além disso, menciona, em outros lugares do artigo, algo que é definido como ‘linguagem’ e que inclui o que seria a especificidade de algumas cidades: o ‘mineirês’ e o ‘caipirês’ de Belo Horizonte, e o ‘metidês’ e o ‘poluidês’ de São Paulo, por exemplo. Nesse caso, estão em funcionamento tanto os discursos disponíveis sobre os dialetos (pelas designações de ‘mineirês’ e ‘caipirês’), quanto aos discursos disponíveis sobre características do sujeito (‘metidês’) e da cidade (‘poluidês’), deslizando do científico para a paródia.

Já os artigos Paulistanês e Mineirês da Desciclopédia deslizam, de um lado para outro, entre as “categorias” de dialeto e de língua. Pensando essa questão entre língua e dialeto na relação entre o *especialista* da Enciclopédia Abril, o *todos* da Wikipédia e o *qualquer um* da Desciclopédia, podemos notar que ela não é a mesma.

Para o *especialista* de artigos sobre cidade da Enciclopédia Abril, que não é, provavelmente, linguista, *não faz sentido dizer* nem sobre língua, nem sobre dialeto. O especialista escreve o artigo afetado pelo efeito de uma língua única no Brasil, a língua oficial, o português. Para o *todos*, que diz do lugar da sociolinguística e do discurso oficial, não é possível *dizer* que alguns dialetos são línguas. Ao passo que, para o *qualquer um* da Desciclopédia, isso é possível *dizer*, do lugar da paródia. A Desciclopédia pode jogar com as tensões que a linguística (a sociolinguística, no caso) tende a querer resolver e, ao jogar com elas, pode produzir alguns deslocamentos nas relações entre os modos de significação dos sujeitos, dos saberes e das línguas.

Quanto à paródia da classificação genética do paulistanês e do mineirês, ela funciona de modo a apagar as relações de contato de línguas, já que a história de cada

língua/dialeto é a da metáfora da árvore, com galhos que se desdobram, tendo, no caso, início no Latim. Há, assim, nessa paródia, a reprodução de uma história tradicional das línguas que predominou. Uma história linear que desconsidera as relações entre línguas de outros galhos, de outras árvores, que desconsidera as relações de contato. Junto a esse apagamento, também se apagam os negros e índios, por exemplo.

Ao mesmo tempo, é interessante observar, nessa classificação, as tensões entre língua/dialeto do mineirês e paulistanês em relação ao português e ao brasileiro. A possibilidade de falar do brasileiro não se dá apenas pela paródia. Ela também está relacionada a algumas posições das ciências da linguagem que, desde o final do século XIX, distinguem o português do brasileiro²⁶. O mesmo se pode dizer sobre os itens “história” do paulistanês e “origem”, do mineirês, se consideramos os estudos que, também desde o final do século XIX, teorizam a questão do contato entre as línguas.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Imigração”. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao> Acesso: 10 set 2012.

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. **A Filosofia da Linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BORGES, Fabiana Claudia Viana. **Designação e Referência: uma análise enunciativa no censo demográfico 2000**. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000323166&fd=y> Acesso: 10 set 2012.

CEDEFES. “Apresentação”. Disponível em: http://www.cedefes.org.br/index.php?p=inst_apresentacao Acesso: 10 set 2012.

DESCICLOPÉDIA. “Belo Horizonte”. Disponível em: http://desciclopedia.org/wiki/Belo_Horizonte Acesso 10 set 2012.

_____. “Brasil”. Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Brasil> Acesso: 10 set 2012.

_____. “Mineirês”. Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Miner%C3%AAs> Acesso: 10 set 2012.

²⁶ Vale lembrar aqui a obra *Língua Brasileira e outras histórias*, de E. Orlandi (2009).

_____. “Paulistanês”. Disponível em: <http://desciclopedia.org/wiki/Paulist%C3%AAs>
Acesso: 10 set 2012.

_____. “São Paulo”. Disponível em:
[http://desciclopedia.ws/wiki/S%C3%A3o_Paulo_\(cidade\)](http://desciclopedia.ws/wiki/S%C3%A3o_Paulo_(cidade)) Acesso: 10 set 2012.

ENCICLOPÉDIA ABRIL. “Brasil”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo II, 2 ed, 1976, p. 138.

_____. “Cuiabá”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo III, 2 ed., 1976, p. 357.

_____. “Manaus”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo VII, 2. ed., 1976, p. 386.

_____. “Rio de Janeiro”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo XI, 1971, p. 5-6.

_____. “São Paulo”. São Paulo: Abril Cultural, Tomo XI, 1971, p. 152-158.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. “As coisas-a-saber sobre uma cidade na Wikipédia e na Desciclopédia: Pouso Alegre entre edifícios e buracos”. Artigo aprovado para publicação pela Revista *RUA*, n. 18, v.2. Campinas: Labeurb/Unicamp, 2012. No prelo em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/index.rua>

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **História da Semântica. Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil**. Campinas: Pontes, 2004.

HENGE, Gláucia da Silva. **Sujeitos e Saberes: Redes Discursivas em uma Enciclopédia Online**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS, 2009.

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva, 2009.

LAGAZZI, Suzy. “A Língua Portuguesa no Processo de Institucionalização da Linguística”. Em: Guimarães, E. & Orlandi, E. (orgs.) **Institucionalização dos Estudos da Linguagem. A Disciplinarização das Ideias Linguísticas**. Campinas: Pontes, 2002.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

NUNES, José Horta. **Para uma História do Discurso Enciclopédico no Brasil**. Resumo Expandido apresentado na XXVII ENANPOLL. Niterói: Instituto de Letras/UFF, 2012. Disponível em:
<http://www.labeurb.unicamp.br/anpoll/resumos/josehorta.pdf>

ORLANDI, Eni. **O Discurso da História Para a Escola**. Série Estudos 7. Português. Estudos Linguísticos. Uberaba, FISTA, 1981.

_____. (org.) **História das Ideias Lingüísticas. Construção do Saber Metalingüística e Constituição da Língua Nacional**. Campinas: Pontes; Cárceres: Unemat Editora, 2001a.

_____. **Discurso e Texto**. Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas: Pontes 2001b.

_____. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, 6ed.

_____. **Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas: RG, 2009.

PÊCHEUX, Michel. “Ler o Arquivo Hoje”. Em: ORLANDI, Eni (org.) **Gestos de Leitura. Da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, 2 ed.

SCOTTA, Larissa. **Da Enciclopédia Enquanto um Círculo que se Fecha à Wikipédia Enquanto uma Rede que se Abre: um gesto interpretativo**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM, 2008.

WIKIPÉDIA. “Belo Horizonte”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte Acesso: 10 set 2012.

_____. “Brasil”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil> Acesso: 10 set 2012

_____. “São Paulo”. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_\(cidade\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_(cidade)) Acesso: 10 set 2012.

Para citar essa obra:

FERREIRA, Ana Cláudia F. Discursos sobre Cidades na Enciclopédia “Tradicional”, na Wikipédia e na Desciclopédia: percursos de sujeitos, saberes e línguas. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COCEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP - Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

www.labeurb.unicamp.br/contato